

A PERFORMANCE DE GÊNERO EM *THE PROFESSOR*: UMA REVERSÃO DE EXPECTATIVAS

Patricia Carvalho Rocha

Doutora em Letras

RESUMO

Charlotte Brontë (1816-1855) evidencia em *The professor* a arbitrariedade atrelada ao conceito de gênero no século 19 por meio de personagens dissonantes com a ideologia do período, questionando explicitamente o paralelismo entre sexo e gênero e a crença em uma suposta essência do feminino capaz de justificar uma postura submissa da mulher.

PALAVRAS-CHAVE

Performance de gênero, dissonância, alteridade, feminismo

The professor, primeiro romance de Charlotte Brontë ainda sem tradução em língua portuguesa, foi rejeitado nove vezes antes de ser publicado postumamente em 1857. Nessa obra, enfatizando-se a performance de gênero, a leitura de *The professor* possibilita não apenas vislumbrar os primeiros passos de Brontë rumo ao questionamento aberto dos papéis sexuais e da subjugação feminina na sociedade vitoriana, mas também nos convida a rever os clichês e estereótipos rígidos e autoexcludentes que estamos habituados a usar em relação ao período vitoriano.

Em *The professor* o mundo nos é oferecido sob a ótica por vezes cruel de William, que apesar de ser um típico sujeito na periferia do sistema (*outsider*) por ser órfão, sozinho, desprovido de recursos financeiros consistentes e exilado, boa parte da narrativa, em terras estrangeiras, julga-se superior em sua formação acadêmico-intelectual. Sua postura ativa tende a ser sempre crítica, principalmente em relação ao feminino e seu discurso soa como o do dominador, do senhor. Entretanto, o fato de

encontrar-se em posição social inferior em relação aos outros homens evidencia um aspecto contraditório na caracterização da personagem, pois sua postura e discurso parecem ser incompatíveis com seu papel social.

Entretanto, William destoa do clichê de masculinidade que tradicionalmente atrelamos à sociedade vitoriana: não é descrito como o homem seguro de si, poderoso e influente, capaz de prover por si e por sua família, tampouco é uma figura totalmente avessa a demonstrações de sentimentos; e para tentar se reconhecer no papel masculino tradicional, William assume uma postura mordaz face ao sexo feminino, único grupo com o qual ele poderia sentir-se superior. De fato, William narra suas memórias de um ponto de vista muito peculiar, como se vivesse num mundo só seu, numa realidade na qual suas limitações haviam sido apagadas, como num passe de mágica, dando lugar a um homem resolutivo, capaz de gozar das mesmas prerrogativas que as demais personagens masculinas tinham livremente. William faz do engodo sua marca e não apenas busca representar algo que não é, como também reluta em admitir o quanto sua representação de masculinidade se revela paródica aos olhos do leitor.

A representação de masculinidade de William é tão falha que ele tende a ser a personagem masculina de Brontë, que na prática menos ameaça a autonomia feminina. Quando contratado para trabalhar no pensionato de garotas, seu desejo inicial é ter acesso ao universo feminino, que até então ele conhecia apenas indiretamente, sempre observando-as, secretamente, por uma fresta na janela de seu quarto: “irei agora finalmente ver o jardim misterioso: observarei tanto os anjos quanto seu Éden”.¹ Entretanto, nenhuma descrição romanceada das garotas do pensionato é oferecida ao leitor. O que nos aguarda é o choque experimentado por William ao perceber que as garotas não se assemelhavam ao ideal casto, puro e quase assexuado do anjo do lar, interessando-se apenas em “atrair, e se possível monopolizar meu olhar”.² Por mais cruéis e mordazes que suas visões sobre o feminino se revelem, ele não exerce perigo em potencial para essas mulheres, sobretudo para aquela com quem acaba se unindo. Seus

¹ BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p. 109. “I shall now at last see the mysterious garden: I shall gaze both on the angels and their Eden.” (tradução nossa).

² BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p. 1.102. “(...) to attract, and, if possible, monopolise my notice.” (tradução nossa).

primeiros contatos com os exemplares femininos após tornar-se professor são no mínimo peculiares e marcados por sua frustração em relação ao sexo oposto, exceto quando se vê intelectualmente estimulado por Frances Henri.

Mas quem é essa mulher e por que ela consegue alterar a postura do protagonista perante o sexo feminino? Em linhas gerais, pode-se dizer que Frances é a precursora da típica figura feminina que Brontë viria a acentuar em suas obras subsequentes. Órfã, destituída de posses materiais, sozinha numa terra estranha, Frances é o protótipo da mulher que teria tudo para passar despercebida na narrativa. Entretanto, Frances tem duas qualidades, as quais William admira mais do que tudo, que são a inteligência e a sede de aprender, mesmo que em condições adversas e assim acaba não apenas aceita por William como sua aluna, mas, sobretudo conquista, pouco a pouco, a indulgência e o amor do mestre.

No início William objetiva medir Frances com o mesmo olhar com o qual se decepcionou com as demais personagens femininas ao seu redor, mas quando percebe que ela suportava a dureza do seu olhar e de seus comentários sem denotar sofrimento nem falsa abnegação, William acaba suavizando sua postura e seu olhar com a aluna. Porém, é como se o olhar de William ainda estivesse pautado pela idealização e sempre que se refere a Frances, mesmo quando acentuando sua aparente inferioridade intelectual face ao mestre, fica no ar a impressão de que ele não se permite ler a amada claramente, muito menos revelar tudo acerca dessa mulher sem sentir-se incomodado pelo que vê.

Quando William percebe em Frances uma outra faceta, que até então se encontrava oculta, a narrativa faz coincidir também certo silenciamento do protagonista e uma maior autoafirmação por parte de Frances, que não apenas começa a aparecer mais ágil e assertiva, mas também começa a verbalizar abertamente o que espera de sua união com Crimsworth, caso ele não aceite que ela continue a trabalhar e prover por si mesma:

Pense em mim me casando com você para ser mantida por você, *Monsieur!* Eu não poderia fazer isso; e quão monótonos meus dias seriam! Você estaria sempre fora, ensinando (...) e eu ficaria em casa, desempregada, e solitária. Eu ficaria deprimida e rabugenta, e você logo se cansaria de mim!³

³ BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p. 1.165. “Think of my marrying you to be kept by you, Monsieur! I could not do it; and how dull my days would be! You would be away teaching

Percebo certa ironia durante todo o episódio do pedido de casamento, que parece insinuar a comicidade do esforço de William em manter-se altivo e senhoril, ao passo que Frances tenta suavizar suas intenções de modo a levar William a crer que ele era e permaneceria o senhor da relação. Em outras palavras, o relacionamento entre Frances e William começa a se desenrolar, morosamente, por volta do capítulo XIV, e agora, no capítulo XXIII, num momento que tinha tudo para ser romântico pelos padrões literários tradicionais, há uma reversão de tom. Tem-se, então, Frances desencadeando toda uma discussão financeira que frustra o prazer que William tem em imaginar-se capaz de ser o pleno senhor no sentido de prover por si e também por sua futura esposa. Quando William tenta desencorajá-la a continuar trabalhando, pois estaria ganhando uma quantia, embora modesta, suficiente para prover pelos dois de forma simples, a resposta de Frances é, no mínimo, irônica: “quão rico você é, *monsieur!* (...) três mil francos (...) enquanto eu ganho apenas mil e duzentos (...)”.⁴

Além da explícita crítica à diferença salarial entre os sexos, a postura de Frances e sua fala estão imbuídas de um tom jocoso em relação ao protagonista. William parece não perceber que para Frances seu orgulho ao enfatizar o salário e a possibilidade de crescimento financeiro e profissional não passa de uma afirmação vazia, destituída de peso e de valor. É interessante observar a estratégia utilizada por Brontë nesse momento. Para obter a garantia de que continuará a exercer sua profissão, Frances lança mão da idealização que William conhece, reforçando que ele ficaria desapontado e desiludido ao reconhecer na sua esposa um mero adorno do lar. Ao invés de iniciar uma discussão acalorada, Frances momentaneamente compactua com o teatro de William, se faz passar pela futura esposa abnegada e preocupada com o bem-estar do esposo e leva Crimsworth a crer que foi benevolente em conceber a Frances um pequeno gesto de generosidade.

Com a garantia de que Frances poderá continuar trabalhando após o casamento, a narrativa se encaminha rapidamente para seu final com uma mudança de tom por parte do narrador como que se os fatos, prestes a serem compartilhados com o leitor, não fossem

(...) and I should be lingering at home, unemployed, and solitary; I should get depressed and sullen, and you would soon tire of me!” (tradução nossa).

⁴ BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p. 1.164. “(...) how rich you are, monsieur! (...) three thousand francs! (...) while I get only twelve hundred (...)” (tradução nossa).

importantes para merecer mais atenção por parte de William. Em não mais do que duas linhas no final do primeiro parágrafo do último capítulo, William anuncia seu casamento com Frances. Quatro parágrafos depois, ele comenta rapidamente sobre o que aconteceu em um ano de casamento.

O ritmo narrativo de William no último capítulo difere radicalmente dos anteriores, visto que ele não mais se perde em longas elucubrações, nem em meticulosas descrições de trejeitos, posturas e características físicas das outras personagens. Não há na primeira parte do último capítulo nenhum sinal do William Crimsworth mordaz, sarcástico em relação aos outros, determinado a ser o senhor de todas as coisas. Essa figura é substituída por um protagonista mais comedido em suas observações, mais contido em suas falas e descrições, mais passivo em sua própria presença. Mesmo quando Frances insiste em continuar chamando-o pelo título de *Monsieur*, existe uma reversão de expectativas porque na prática ela é que parece mandar na relação, tanto profissional quanto pessoal, como William deixa a entrever:

Ela era a diretora da escola deles, mas mantinha um prazer em vê-lo ensinando (...) sua alegria era fazer de mim ainda o senhor em todas as coisas. (...) Em casa ela era outra mulher: a senhora diretora desaparecia frente aos meus olhos, e Frances Henri, minha pequena bordadeira, era magicamente devolvida aos meus braços.⁵

Em outras palavras, é como se houvesse uma inversão no relacionamento de Frances e William em termos de papéis de gênero. Embora William continuasse exercendo a função de mestre no pensionato, quem efetivamente detém o poder na esfera pública é Frances. É interessante observar que mesmo assim ela continua a referir-se ao marido de forma impessoal, alegando que o título de “Monsieur” lhe cabia bem, evidenciando assim não apenas uma preferência, mas sobretudo um ato intencional, pois equivale a dizer que Frances vale-se de seu poder e autoridade para garantir a William a ilusão de que é ele quem exerce influência sobre o mundo ao seu redor. Segundo o

⁵ BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p.1.178. “(...) she was the principal of their own school, but kept on taking pleasure seeing him teaching. (...) her joy to make me still the master in all things. (...) at home she was another woman: the lady directress vanished from before my eyes, and Frances Henri, my own little lace-mender, was magically restored to my arms (...)” (tradução nossa).

próprio narrador, ele deveria “interessar-se por aquilo que a ela interessava”⁶ e não o contrário, como seria de se esperar pelo padrão de papéis de gênero na sociedade vitoriana.

Já na esfera privada, embora William se iluda com a ideia de que a esposa encarna a figura do anjo do lar, Frances permanece forte e resoluta, ditando regras não apenas para o gerenciamento da casa, mas também para o tipo de relacionamento entre eles nas suas nuances mínimas. Assim, se antes o mundo nos era interpretado por William, cabendo a Frances aprender com ele, agora temos uma Frances cada vez mais assertiva e resoluta, mesmo quando se coloca numa posição de aparente submissão perante o marido. William também muda, sendo cada vez mais passivo no âmbito familiar.

Essa diferença no estilo narrativo de William no último capítulo pode ser lida de duas formas: primeiro, poderíamos dizer que para ele o âmbito privado não possui o mesmo apelo intelectual, o mesmo ardor e, por isso, a descrição de sua vida em comum com Frances não passa de detalhes domésticos que interessam apenas às mulheres. Em segundo lugar, poderíamos interpretar o recolhimento de William como o reconhecimento de sua inabilidade em exercer o poder tal como desejava ou julgava ser capaz por ser um representante do sexo masculino.

Em outras palavras, William experimenta um processo de crescimento efetuado de forma contrária ao esperado numa obra tipo *Bildungsroman*, no qual o resultado final de sua jornada parece ser o reconhecimento de que sua superioridade é ilusória. Nem mesmo quando suas hipóteses e suposições mais prosaicas são desmentidas durante sua estada em Bruxelas, William consegue reconhecer e admitir as falhas de seu julgamento e a superioridade demonstrada pelas demais personagens, sobretudo as femininas. Somente após o casamento com Frances é que alguns sinais de mudança são percebidos, com a adoção por parte de William de uma postura mais plácida e compassiva, embora não se possa garantir que seja motivada por uma verdadeira transformação ou por uma dificuldade em se sobrepor à figura cada vez mais determinada e resoluta da esposa. O fato é que *The professor* delinea as primeiras considerações de Charlotte Brontë acerca da desigualdade das relações de gênero tal como entendidas na sociedade vitoriana,

⁶ BRONTË; BRONTË. *The complete novels*, p. 1.177. “(...) to become interested in what interested her.” (tradução nossa).

evidenciando o papel que a figura idealizada do anjo no lar ocupava no imaginário masculino e também como o próprio homem se via na iminência de emular padrões de masculinidade de acordo com a ideologia do período.

ABSTRACT

Charlotte Brontë (1816-1855) shows in *The professor* the arbitrariness of the notion of gender in the Nineteenth Century through the portrayal of protagonists that can be said to be dissonant in the relation to the ideology of the period, hence explicitly reflecting upon the established parallelism between sex and gender and questioning the subservient position ascribed to women in society.

KEYWORDS

Performance of gender, dissonance, feminism

REFERÊNCIAS

- ALTICK, Richard D. *Victorian people and ideas*. Toronto: W.W. Norton & Company, 1973.
- BRAIDOTTI, Rosi. *Patterns of dissonance: a study of women in contemporary philosophy*. New York: Routledge, 1991.
- BRONTË, Charlotte; BRONTË, Emily. *The complete novels*. New Jersey: Gramercy Books, 1995.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. London: Routledge, 1992.
- TOSH, John. *A Man's place: masculinity and the middle-class home in Victorian England*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- VICINUS, Martha (Ed.). *A widening sphere: changing roles of Victorian women*. Bloomington: Indiana University Press, 1980.